

Cultura e identidade: “Festa da igreja para os padres, e a festa de Nossa Senhora do Rosário para as pessoas do cativoiro”

ANDREA SILVA DOMINGUES^{1*}

Pensando as Irmandades como expressão de identidade e cultura, cruzando documentações da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, registros do livro tomo da paróquia da cidade de Silvianópolis e depoimentos orais, foi possível refletir sobre os espaços de sociabilidade e sobre a devoção criada na experiência da festa, permitidos ou reprimidos pela igreja católica e sobre a constituição da Irmandade hoje Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário neste município.

A paróquia de Silvianópolis que no século XVIII pertencia à província de São Paulo já incluía em seu calendário eclesiástico a festa de Nossa Senhora do Rosário.

As referências à organização do festejo em homenagem a Nossa Senhora do Rosário aparecem desde 1786², no entanto a Irmandade do Rosário aparece citada na documentação do livro tomo da paróquia de Santa Ana³, principalmente na década de vinte, momento em que há tensões constantes entre os membros da Irmandade e os representantes da igreja católica. Contudo conseguimos localizar no acervo da Associação um certificado expedido pela Irmandade do Rosário, cuja data parcialmente ilegível, permite apenas a verificação do século em que foi expedido, este do século XVIII.

Importante ressaltar que em 1937 a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário passou a se chamar Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, conforme consta em seu primeiro livro de Ata com abertura em 13 de junho, passando então os registros desta instituição a serem lavrados e organizados pela denominada Associação.

Os objetivos da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário eram de:

^{1*} Prof^a. Dra. do Dep. De História e do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNIVAS / FAFIEP, tendo como apoio e agência financiadora a Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

² Livro de tomo 29 de novembro de 1786, documento assinado por Padre pároco responsável Manuel Lescura Banher 1901-1955, localizado na paróquia de Silvianópolis-MG,

³ Santa Ana – padroeira da cidade.

“Promover a caridade entre os menos favorecidos, o culto a Nossa Senhora do Rosário nos estilos tradicionais e a celebração da tradicional da festa do Rosário, zelando pela conservação dos mesmos costumes, estilos, tradições e cerimoniais que a caracterizavam desde os primórdios”⁴.

O mesmo documento dedicava-se a descrever a hierarquia administrativa e as atribuições de cada membro, sendo este composta de: presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e um conselho de dez membros.

O presidente era quem resolvia todas as questões administrativas e representava a Associação judicial e extrajudicialmente, o vice-presidente substituíva o presidente em sua ausência, ao secretário competia às questões burocráticas (organização de livros e arquivos), ao tesoureiro a guarda dos bens móveis e bancários. Ao conselho bem como a todos os membros da diretoria competia votar nas reuniões para tomada de qualquer decisão e deliberação.

A juízo da diretoria, poderiam ser aceitos como sócios, pessoas considerada idôneas, maiores de 18 anos de idade, que se dispunham a contribuir para a Associação, pagando uma anuidade⁵ fixada pela diretoria e prestando os serviços necessários para que a Associação atingisse seus objetivos⁶.

Desde o início as reuniões da Associação acontecem anualmente, por ocasião do mês de junho, no dia 13 de junho (início da festa) para eleger os festeiros do próximo ano e, no último final de semana do mês de junho para encerrar o festejo e repassar a responsabilidade da festa aos novos eleitos. Há também reuniões extraordinárias que são convocadas pelo presidente; em cujas atas percebemos um detalhe importante: oferecimento de um sepultamento considerado digno aos associados e familiares (esposa e filhos), para o qual todos os membros da Associação são convidados *“a velar velar, rezar e enterrar o falecido”⁷*. Oferecer aos membros uma cerimônia fúnebre digna torna-se mesmo não oficialmente, uma das atribuições da Associação.

A pesquisadora Marina de Melo e Souza ao discutir as irmandades diz:

⁴ Ato constitutivo e estatuto da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, art.2º.

⁵ Na ata de 16/06/47, há o aceite pela diretoria de um número de 24 novos membros na Associação onde nesta mesma data se propõe: “Pela diretoria foi feita à proposta de ser a taxa de (ilegível parece 94,00) anuidade de associados elevada para CR\$ 200, proposta esta aceita não só pela diretoria como também por grande numero de associados.”

⁶ Art. 13 – Dos sócios do Ato constitutivo e estatuto da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário.

⁷Por exemplo: Ata da Associação do Rosário de 13 / 06/ 1978.

“As irmandades de “homens pretos”, espaços que permitiam um maior controle sobre os africanos escravizados e seus descendentes, cativos ou livres, ao mesmo tempo em que possibilitavam o desenvolvimento de relações específicas a estes grupos, que nelas encontravam formas de afirmação social e cultural, foram lugares nos quais as eleições de reis negros e as comemorações que as acompanhavam atingiram maior complexidade e significação” (SOUZA, 2002:p. 251)

A autora aponta o caráter ambivalente das irmandades, se por um lado se constituíam como espaço de controle, por outro possibilitavam formas de afirmação social e cultural dos negros.

Mesmo nos dias atuais, guardadas as diferenças de tempo e circunstâncias, essa ambivalência se mantém. A análise da festa de Nossa Senhora do Rosário em Silvianópolis, também aponta para esse caráter ambivalente.

Dona Isabel afirma:

“Veio para Silvianópolis um padre de Taubaté, Pindamonhangaba, e ele incentivou. A escravidão principalmente aqui era muito forte, pela extração do ouro. Ele para cristianizar, fazer uma catequese, misturou né... trouxe para cá a tradição da festa de reis, a congada, por ele ter sido padre na região de Pindamonhangaba lá ele já conhecia, certamente ele gostava dos grupos e vindo pra cá, vendo que a ascendência de raça negra era muito grande, ele organizou, ele simplesmente incentivou aquilo que já possuíam e levou em frente”.

Dona Carlina lembra:

“Porque naquele tempo, a nossa paróquia tinha sido criada pelo bispado de São Paulo. Porque Silvianópolis já pertenceu a Pouso Alegre, Pouso Alegre já pertenceu a Silvianópolis, uma coisa assim, essa coisinha entre cidade. Então nessa época, esse padre sendo paulista; ele foi designado pra vir para a nossa terra, pra nossa paróquia. E aí o padre Negrão deu início a esta festa, em 1780, com todo o ritual trazido de Guaratinguetá”

Edivaldo já nos diz que a igreja vai suprir a falta de fé:

“Essa festa já vai completar 224 anos nesse ano. Então é uma coisa que é mais velha que a “lei Áurea”, né. Então veio passando de geração para

geração. Porque esse movimento vem dos nossos antepassados, dos negros, da época dos escravos. Eles não tinham algo pra fazer. Então o padre Manoel trouxe, fundou esse movimento na época da escravidão. Era maneira deles adorar alguma coisa NE”.

Dona Afonsina, ao rememorar diz: “A festa é do cativeiro; foi deixado por Deus para os homens pretos no cativeiro. E a igreja criou a Irmandade para levá os homens que trabalhava nas minas, pra eles poderem reza sem sofrê”.

Ao falar do festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis, torna-se recorrente na memória dos depoentes a referência à origem remota (século XVIII) e cristã da festa, sempre realizada por iniciativa de um padre que tentava catequizar os negros.

A historiadora Laura de Mello e Souza (1987: p.86-156) já apontava que a preocupação da igreja católica em delinear o que é sagrado e o que é profano, e em estabelecer os parâmetros dentro dos quais deveria ocorrer a relação da igreja com os escravos negros e com a população em geral, remonta ao período colonial. Os registros no livro tombo (1922) da paróquia de Silvianópolis denotavam tal preocupação. Considerando a festa como um momento de conflito entre os membros da Associação e representantes da igreja, o referido documento tentava demonstrar que a festa de Nossa Senhora do Rosário era um evento no qual os costumes eram considerados profanos, como a “prática das jogatinas, esbanjamento de dinheiro dos fiéis em comidas e bebidas”⁸.

No ritual da festa, há momentos de manifestação do sagrado (orações, novenas, promessas...) e do profano (jogos nas barracas, bebidas, danças...) que se mistura, se entrelaçam, com ou sem a permissão da igreja.

O sagrado e o profano não se excluem, embora sejam formas diferentes de representarmos à realidade; pois o homem religioso segundo Mircea Eliade “crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade” (ELIADE, 1992: p.163).

⁸ Registrado no livro de tombo da paróquia de Santa Ana, na cidade de Silvianópolis, datado em 18 de janeiro de 1922, p. 109.

É significativo perceber a insistência dos depoentes em afirmar que a festa de Nossa Senhora do Rosário iniciou-se com a intervenção da igreja católica na figura de um padre⁹, como estratégia, ora de controle, ora de catequese dos escravos e negros.

Documentos de época nos permitem afirmar a existência de situações de conflitos entre os preceitos da igreja e as práticas, rituais dos negros na celebração da festa.

“Esteve em visita à paróquia, de 17 a 29 de novembro de 1786, o padre Manoel Lescura Banher, vigário de Guaratinguetá e visitador ordinário do bispado de São Paulo. Notou esse visitador que o 1º livro tombo¹⁰ estava em péssimo estado e ordenou que fossem trasladados para outro livro novo o termo da devolução da paróquia ao bispado de São Paulo e <<hum capítulo de visita a respeito do sempre abominável, péssimo e terrível uso dos batuques, cujo capítulo he mandado observar nessa freguesia ...>>> notou ainda que não havia confrarias, mas já existiam bens pertencentes a Nossa Senhora do Rosário” (OLIVEIRA, 1950: p.21-22)”.

Fica patente neste documento o desagrado que os batuques provocavam no clero.

O conflito entre os membros da igreja e os participantes do festejo é reafirmado, não apenas pela posse de bens, mas também pelos costumes e diferentes maneiras de como realizar a comemoração.

Os costumes dos homens negros, escravos e suas congadas provocavam sentimentos de abominação por parte dos representantes da igreja que visitavam a cidade.

A Irmandade já existente, pelo menos desde 1788, posteriormente transformada em Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, tornou-se um espaço de

⁹ Na obra organizada pelo Cônego João Eustides de Oliveira, que relata a história de todas as paróquias ligadas à diocese de Pouso Alegre observa-se que o padre Manoel Negrão do Monte Carmelo, responsável pela organização do festejo de Nossa Senhora do rosário, permaneceu em Santa Ana no período de 1780 a 1795. Ver: OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org). *A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950*. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.

¹⁰ Xérox do Livro tombo 1766- 1797. O primeiro livro tombo da paróquia de Silvianópolis antiga Sant' Anna do Sapucahy ainda encontra-se de posse da cúria do município de Pouso Alegre, e sem acesso por pesquisadores por estarem em fase de organização do arquivo da Cúria; mas mesmo não tendo contato com o tombo original realizamos a leitura de uma cópia xerocopiada que permitiu observar que os registros eram em sua grande maioria de transcrições de cartas recebidas de príncipes e bispos, mas de impossível leitura detalhada pela má preservação e qualidade do material.

preservação das tradições dos homens negros, onde poderiam recriar seus costumes, laços comunitários, identidades grupais, possibilitando a aceitação dos negros e de suas diferenças, ainda que excepcionalmente em situação de festa.

As tensões entre as autoridades eclesiásticas e os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário passavam pelas disputas sobre a realização da festa.

*“Faça constar que no dia 06 de janeiro tive uma conferencia com os Srs irmãos que compareceram a Directoria da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ficando todos eles serem à vontade do Senhor Bispo e dos propósitos que tinha que mandar o procedente portaria. Exepetuo dois irmãos que se manifestaram respeitosos e obedientes para as disposições da Autoridade Diocesana, todos os outros deram signaes de mau espírito e de estarem dispostos a não obedecer no mandato de expressão da Festa da irmandade de Nossa Senhora do Rosário no mês de junho. Chamei-os a considerar severamente o proceder deles, protestando esse facto, contra aquelle acto de rebeldia manifestada por aquelles que mais deviam salientar se na Parochia pelo fervor religioso e pela submissão e obediência a auctoridade Eclesiástica. Fique lançado o meu protesto neste livro de tombo como um dado mais para aquelle que deseja conhecer a história documentada da Irmandade de Nossa Senhora do rosário em Silvianópolis. Silvianópolis, 2 de fevereiro de 1922. P. Daniel Chaváni”.*¹¹

A não-aceitação das disposições por parte da maioria dos irmãos (exceto dois) era vista pela Diretoria da Irmandade e pelos representantes da igreja como “maus espíritos”.

O padre Daniel Chaváni¹² faz questão de lançar o seu protesto, por escrito no livro tombo, para que ficasse registrado e se tornasse parte da história “documentada” da Irmandade, pois o registro no livro tombo conferiria ao seu protesto uma força maior.

A década de vinte foi um dos períodos mais tensos em torno da questão religiosa, vivenciada entre a igreja e os representantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. A disputa pelo controle da festa e de como e quando esta devia acontecer foi motivo de reuniões e discussões entre o poder eclesiástico e os membros da Irmandade. Essa relação conflituosa levou a igreja a proibir a realização da festa no mês

¹¹ Livro de tombo 1901-1955, localizado na paróquia de Silvianópolis-MG, p.98

¹² Encarregado da paróquia na ausência do senhor vigário e autorizado pelo bispo de Pouso Alegre Octavio Miranda.

de junho, alegando que a data de 29 de junho é dia de comemoração dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo. Apesar disso, festa não mudou o seu período de realização e manteve seus costumes denominados de “profanos” como as barracas de jogos, alimentos e bebidas¹³.

A Irmandade e a festa eram também um espaço de negociação dos escravos com os brancos, para poderem exercer suas crenças de origem africana, servindo dessa maneira como estratégia dos negros diante da dominação da igreja católica. “A festa é do cativo; foi deixado por Deus para os homens pretos no cativo. E a igreja criou a Irmandade para levá os homens que trabalhava nas minas, pra eles poderem rezar sem sofrer”, como rememora Dona Afonsina.

Dona Afonsina, através de suas lembranças, remete-se a diferentes momentos, o que chama de tempo do cativo, ligando-o sempre a Deus e à igreja católica.

A tradição que se transmitiu pela oralidade ao longo desses duzentos anos, que estabelece a ligação do festejo com os tempos do cativo, tem para os participantes negros um significado político muito forte, de afirmação de sua identidade étnica. Vivenciar a festa anualmente significa estabelecer um elo entre o passado e o presente, uma tentativa de encontrar o passado no presente, uma forma de reafirmar uma identidade e reatualizá-la.

Com o tempo, essas confrarias, irmandades ou Associações desprendem-se da igreja católica, tornando-se instituições laicas.

Ao referir-se à origem da festa Dona Carlina tende a ter uma atitude conciliadora, da igreja com a Irmandade, vista de forma harmoniosa, amenizando as tensões.

“É essa devoção com nossa senhora à gente precisa falar. É uma devoção! Eu falo assim que Santana, Silvianópolis tem duas protetoras: Santana porque foram trazidas pelos bandeirantes – Paulistas vieram de Moji das cruzeiras tanto é que lá Santana também é padroeira e eles trouxeram e fizeram Santana também padroeira patrona da cidade. Agora eu acredito que seja com esse padre que iniciou a festa do Rosário, iniciou a devoção a Nossa Senhora do Rosário porque ela a santa a mãe de Deus, ela seja protetora de negros eu acredito que foi uma assim uma isso o padre que quis. Porque os negros precisavam também de ver cantar, dançar né ai a

¹³ Registro de 18 de janeiro de 1922, p. 109 do livro tomo.

igreja católica naquele tempo à separação era muito grande entre os escravos e o senhor. Então Nossa Senhora do Rosário tem uma ligação com coisas da África. Lá ela não é homenageada como aqui, lá não tem festa do rosário, na África. Mas nós aqui temos porque um padre achou que tinha que favorecer, proteger o negro”.

Dona Carlina, em suas memórias, fala que havia a separação dos negros e brancos, e que a religião católica exerceu sua influência sobre os homens negros utilizando-se do festejo; como uma forte estratégia de dominação.

Na narração de dona Carlina, quando diz *“Mas nós aqui temos porque um padre achou que tinha que favorecer, proteger o negro”* ela interpreta a ação da igreja como de proteção.

Mas ao se referir à demolição da capela do Rosário critica a posição e intolerância da igreja de forma mais contundente.

“Primeiro tinha uma capela que também foi desmanchada antes d’eu nascer. E aí essa capela tinha então a devoção e tudo era cultuada ali, nessa capela que não conheci e nunca vi foto dessa capela procurei já. E aí então o Bispo acho que em 1920, 1922 acho que por aí. Ele falava que a festa do Rosário era uma festa profana de muito jogo e a igreja é muito contra né. E aí que naquele tempo a igreja católica era assim protetora, mas também era dona, até da consciência, eu acho. E aí então, que o bispo fez? Chamou a diretoria da associação. Naquele tempo o registro era da irmandade de nossa Senhora do Rosário. O senhor bispo da época foi e mandou desmanchar a igreja. Ele queria acabar. Porque essa festa é muito profana, essa festa não é religiosa, a igreja tinha que ter um argumento. O povo vinha pra dançar, pra comprar, pra jogar uma série de coisas que na nossa filosofia cristã, católica não é aceitável. E aí desmanchou a igreja”.

A fala de Dona Carlina, embora crítica, expressa uma certa ambigüidade ao se referir *“a nossa filosofia cristã”*.

A demolição ocorrida no final da década de 20, é um dos episódios marcantes nos registros orais e escritos sobre a Associação. As relações da igreja com a Irmandade, hoje Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário em relação à

festa sempre foi conflituosa, mas esta se modifica de tempos em tempos, podendo ser mais tranqüila em alguns momentos.

Na década de vinte e no início dos anos trinta, período mais conservador da igreja, o festejo não era aceito pelas autoridades cristãs, pois mantinha formas de cultuar Nossa Senhora através de danças, e das congadas, e também costumes como os jogos e bailes considerados profanos.

Na portaria datada de 26 de junho de 1929¹⁴, localizada no livro tombo da paróquia de Silvianópolis, foi registrada a demolição da primeira capela de Nossa Senhora do Rosário, organizada e autorizada pelo responsável, sendo os restos da demolição utilizados para construir uma Villa Vicentina que pertencia à igreja católica.

Essa disputa de poder, que levou à demolição da capela estremeceu ainda mais as relações entre a igreja e a Irmandade, retirando a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário das mãos do clero, contrariando o calendário oficial da igreja, que adota o mês de outubro como dedicado a Nossa Senhora.

Ao contrário de outras festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário como já foi dito anteriormente, em Silvianópolis, o espaço onde fica a imagem da santa, não é na matriz da cidade ou em qualquer outro templo católico.

No início dos anos trinta iniciou-se a construção da chamada “Casa Santa”¹⁵, próxima à matriz e praça central da cidade, onde até hoje se realiza parte do cerimonial da festa.

Contemporaneamente esse espaço “sagrado”, com apropriações consideradas “profanas” pelos representantes da igreja, é um espaço de sociabilidade de homens negros e brancos, ricos ou pobres.

¹⁴ “Outubro Portaria que concede licença para demolição da capella de Nossa Senhora do Rosário. Lê-se: Attendendo ao que nos representaram o Sr. Júlio Corrêa Beraldo e mais 54 habitantes de Silvianópolis e conhecendo de visu o estado ruinoso da Capella de Nossa Senhora do Rosário da mesma freguezia. Achamos por bem conceder licença para que se possa demoli-la devendo antes o Reverendo Vigário transladar solenemente para a outra igreja as imagens e declarar profanada a capella diante das testemunhas. Concedemos igualmente licença para se empregar o material da capella na construção da villa Vicentina” “Aos 6 de outubro de 1929 devidamente autorizado por portaria do Exmo Presidente Dr. Bispo diocesano em presença das testemunhas abaixo emigradas declarei pro formada esta capella de nossa Senhora do Rosário, tendo antes transladado solenemente as imagens do culto para a igreja matriz. 26 de julho de 1929. Santana. Otaviano Lamanéres / Parocho.”

¹⁵ Os habitantes da cidade de Silvianópolis chamam o local onde fica a Imagem de Nossa Senhora do Rosário e onde funciona a Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário de Casa Santa, pois é ali que nos dias de festa se reúnem para realizar as orações e homenagem a Santa do Rosário.

Imagem 01 : GONÇALVEZ, José Roberto.
Altar e mesa de reunião dentro da Casa
Santa. 2006.



Imagem 02 : DOMINGUES, Andrea.
Participantes das orações e escolha
dos festeiros dentro da Casa Santa.
2005.



Nos dias do festejo as ruas da cidade tornam-se muito frequentadas por moradores, filhos da terra que retornam para encontrar os familiares e visitantes do campo e de outros municípios, que vivenciam a festa, seja pela fé e devoção à santa ou pelo prazer de desfrutar dos mais diversos atrativos, alguns deles trazidos de gerações passadas.

“Então é uma festa de fé, de encontros e reencontros. Os ausentes se encontram aqui, os filhos da terra retornam, é um encontro de família e amigos.”¹⁶

“E, eu já vim preparada porque a família toda já tem essa festa como momento importante, junho ninguém falha. Pode acontecer o que acontecer que todos vêm pra Silvianópolis”¹⁷.

¹⁶ Depoimento de Dona Zélia, 2005.

A festa de Nossa Senhora do Rosário expressa o universo religioso, familiar e de reencontro, onde a cidade é experimentada das mais variadas formas, com sentimentos diversos e representações coletivas que são produzidas no imaginário de quem participa do festejo. Nesses dias o que se vê nas ruas são manifestações de saudades, reencontros e abraços apertados, amigos, filhos e pais felizes por estarem novamente juntos.

As narrativas orais também se referem à permanência até os dias atuais de significativos conflitos na relação entre os representantes da igreja, organizadores e participantes dos festejos de Nossa Senhora do Rosário. Nas memórias dos depoentes aparecem menções ao descontentamento do padre José Francisco de como a festa é realizada e sua recusa em participar da mesma como nois fala Dona Isabel:

“O padre não gosta muito dessa festa, porque não pega um tostão de ninguém. Porque as festas que ele faz, a festeira pede esmola e dá tudo pra ele. Então elas tiram as esmolas e dá tudo pra ele, pra igreja. Então é a onde é que ele não quer né, foi a onde ele falou pra mim meter o porrete na cabeça da Santa”.

A época em que me concedeu seu depoimento Dona Isabel, católica praticante e membro ativo do festejo de Nossa Senhora do Rosário, tentava convencer o padre a celebrar uma missa campal. Em sua fala expressa sentimentos de descontentamento com a recusa do pároco.

A relação dos padres com a festa depende muito de quem ocupa a direção da paróquia e de como pensa a festa de Nossa Senhora do Rosário, pois em outros anos houve realização de missas fora ou dentro da igreja.

Na busca de refletir sobre os diferentes significados dos festejos e da relação de seus participantes com a igreja foi importante entrevistar o padre José Francisco, homem alegre e muito atencioso, que relata:

“A festa do Rosário prejudica sim um pouco a festa de Santa Ana, quem é que vai querer fazer que vai querer fazer uma Festa de Santa Ana depois de uma Festa do Rosário? E o povo tem bezerro para a festa do Rosário,

¹⁷ Depoimento de Valquíria, 2005.

esmolas grandes, donativos pro santo né, doadas para a santa isso não tem nada de reverte para a paróquia, em nada, nada, nada, é da organização, da associação e para a igreja não tem nada”.

O padre justifica sua não participação na festa de Nossa Senhora do Rosário, estabelecendo uma hierarquia entre as festas, segundo a qual a festa de Santa Ana teria uma legitimidade maior por ser realizada pela paróquia. Analisada a contrapelo, sua fala nos revela o enraizamento da festa do Rosário na cultura popular, quando se refere à disponibilidade do povo em ceder donativos para a festa de Nossa Senhora do Rosário e não para a festa de Santa Ana.

Embora em algumas narrativas a questão econômica apareça como explicação da não participação da igreja no festejo, os motivos de tensão são predominantemente religiosos. A festa de Nossa Senhora do Rosário tem uma participação intensa e consciente da população (jovens, crianças e idosos), tornando-se um momento de construção de fortes referências identitárias, no qual muitos, principalmente os mais pobres, brancos ou negros vêem a oportunidade de poder ocupar a cidade e tornarem-se visíveis.

A cidade vivencia duas festas religiosas que são entendidas de maneiras diferenciadas.

Dona Afonsina em suas lembranças diz que:

“Deus deixou, Jesus deixou separado, a festa da igreja para os padres, e festa da Nossa Senhora do Rosário para as pessoas do cativo. Foi deixado assim. Foi deixada essa festa para eles. Tudo separado. A do padre separado e a do Rosário separado. Entanto que a do Rosário nem tinha casa, um lugar dela. Mais agora ganhou um pouco de dinheiro eles fizeram um lugar, a casa santa, a igreja dela. É assim sem o padre”.

Dona Afonsina, católica praticante e devota de Nossa Senhora do Rosário desde criança, em toda sua simplicidade, fala da separação do festejo envolvendo um forte significado religioso. Quando diz “*Deus fez assim*”, se refere ao mesmo tempo à exploração e resistência dos negros do cativo.

Para a depoente, a festa é um direito que não vem da igreja, mas vem de Deus, e a “Casa Santa” é o lugar legítimo de Nossa Senhora do Rosário. A tradição confere legitimidade à festa, pois, existir há tanto tempo mostra sua força.

Padre José Francisco também rememora:

“A gente respeita a festa enquanto festa de povo. Não tem problema também com a diretoria da associação e os festeiros. Que é todo mundo da igreja, são pessoas religiosas. A diferença é que a festa do Rosário é de tradição e de Santa Ana é de igreja, da padroeira da cidade”.

Para o padre José Francisco, ser parte de uma tradição é justamente o que retira a legitimidade da festa de Nossa Senhora do Rosário e a coloca num campo diferente da de Santa Ana.

É neste campo de mudanças e de disputas, cercado de interesses e reivindicações, que realizamos a pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, onde foi possível buscar o significado do festejo na visão de homens e mulheres, organizados ou não pela Associação, responsáveis por uma prática que, independentemente de suas intenções exerce a função de integrar diferentes segmentos, reafirmar alianças, criar novas possibilidades de manter a festa na cidade de Silvianópolis por mais de duzentos e vinte e seis anos.

Referência Bibliográfica:

ABREU, Marta Campos. *O império do divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ANDRADE, Mário de. Os congos. In: *Danças Dramáticas do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1972.

BENJAMIN, Roberto. *Gongos da Paraíba*. Cadernos de Folclore 18. Rio de Janeiro: Funarte/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Magia, Arte, Técnica e Política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLÊME, Genevieve. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

- BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder*. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BRAGA, Julio Santana. *Sociedade protetora dos desvalidos*. Uma irmandade de cor. Salvador: Ianamá, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa do santo preto*. Rio de Janeiro:Funartè/INF; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.
- CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Trad. Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro, Petrópolis, 1994.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura e Patrimônio Histórico. In: *O Direito a Memória: patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, DPH, 1982.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ELIÁDE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo, UNESP/Paz e Terra, 1990.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte:UFMG, 2003.
- HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MEYER, Marlyse. Neste mês do Rosário: Indagações sobre congos e congadas. IN: *Revista Projeto História Festas, Ritos e Celebrações*. Programa de estudos Pós-graduados em História da PUC. São Paulo: EDUC, n. 28, 2004.
- OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org). *A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950*. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente?.In: *Revista Projeto História* . PUC, São Paulo, n. 14, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, n. 15, 1997.
- PRIORI, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REBAÇAL, Alfredo Gal. *As congadas no Brasil*. SP: Séc. da Cultura, Ciência e Tecnologia 1976.
- REIS, João José. *A morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- Revista Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós Graduados da PUC. São Paulo: EDUC, n.25, 2002.

Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós Graduated da PUC. São Paulo: EDUC, n.15, 1997.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e vídeo: Cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

SOUZA, Laura de Mello e. Religiosidade popular na colônia. In: *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das letras, 1987. p.86-156

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravistas. História da Festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

ZUNTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.